

LINGUASAGEM

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: CRENÇAS E ABORDAGENS

Joyce Elaine de Almeida BARONAS¹
Taciane Marcelle MARQUES²
Wéllem Aparecida de Freitas SEMCZUK³

RESUMO

A língua portuguesa utilizada no Brasil, como todas as línguas, apresenta heterogeneidade linguística. Essa característica colabora com a (des)construção de crenças e atitudes negativas de alunos e professores no contexto escolar, bem como o mito de que o aluno não sabe falar o português corretamente. A pedagogia da variação linguística e a pedagogia culturalmente sensível buscam meios de discutir a língua materna sem desconsiderar a realidade cultural do indivíduo. Este trabalho se propõe a investigar as crenças de alunos com relação à variação linguística, dando ênfase ao preconceito linguístico. Assim, pretende-se analisar o que pensam esses alunos e quais crenças externam sobre o uso da língua portuguesa. A coleta de dados para a investigação ocorreu em um colégio estadual do Paraná e a pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Fundamental. Os resultados evidenciaram desconhecimento da diversidade linguística e a crença de que os brasileiros não sabem português, principalmente, os menos escolarizados. Os alunos pontuaram que vivenciam situações de preconceito linguístico, mas a maioria não acredita que esse preconceito seja relevante, o que demonstra, novamente, que não há discussões, em sala de aula, sobre esta temática e que a língua ensinada na escola segue apenas os preceitos normativos.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional. Preconceito linguístico. Crenças e atitudes.

ABSTRACT

The Portuguese language used in Brazil, like all languages, presents linguistic heterogeneity. This characteristic contributes to the (de) construction of negative beliefs and attitudes of students and teachers in the school context, as well as the myth that the student does not know how to speak Portuguese correctly. The pedagogy of linguistic variation and culturally sensitive pedagogy seek ways of discussing the mother tongue without disregarding the individual's cultural reality. This study aims to investigate the students' beliefs regarding linguistic variation,

¹ Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Londrina, Paraná, Brasil, joycealmeidabaronas@uol.com.br

² Doutora. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – UEL, Londrina, Paraná, Brasil, taciane.marcelle@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – UEL. Professora do curso de Letras, modalidade a distância, da Universidade Pitágoras Unopar, Londrina, Paraná, Brasil, wellemsemczuk@gmail.com

with emphasis on linguistic prejudice. Thus, we intend to analyze what these students think and what beliefs they express about the use of the Portuguese language. The data collection for the investigation took place in a state college in Paraná and the research was carried out with Elementary School students. The results showed a lack of knowledge of linguistic diversity and the belief that Brazilians do not know Portuguese, especially the less educated. The students pointed out that they experience situations of linguistic prejudice, but most do not believe that this prejudice is relevant, which again demonstrates that there is no discussion in this classroom about this subject and that the language taught in the school follows only the normative precepts.

Keywords: Educational Sociolinguistics. Linguistic prejudice. Beliefs and attitudes.

Considerações Iniciais

A língua em uso constitui um objeto de estudo situado na ordem do social, do cotidiano e da interação, o que pressupõe a heterogeneidade linguística. Meillet, discípulo de Saussure, destacou o caráter social da língua, mostrando que a variação linguística ocorre devido a um fato social: “ O fato de ser a língua um fator social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social.”⁴ (MEILLET, 1906 *apud* CALVET, 1993, p.7-8). Apesar de os estudos linguísticos sinalizarem para a natureza heterogênea da língua, tal característica ainda não é compreendida pela maioria da sociedade, que acredita na homogeneidade da língua e apresenta crenças e atitudes negativas em relação à diversidade linguística.

Muitos são os estudos atuais sobre crenças e atitudes a respeito da língua e alguns desses estudos têm revelado que uma atitude negativa a respeito do uso da língua representa uma forma de preconceito. Assim, os estudos de crenças e atitudes linguísticas são importantes, pois revelam o julgamento dos indivíduos sobre sua língua, inclusive sobre as variedades da língua. E revelam, também, o julgamento a respeito do outro.

Verificar, então, as crenças e atitudes linguísticas a respeito da heterogeneidade se faz necessário, visto que esta ainda é abordada precariamente em âmbito educacional, seja pela formação dos profissionais que não é voltada à pedagogia culturalmente sensível (ERICKSON, 1987), nem à pedagogia da variação linguística (FARACO, 2008), seja pela carência da abordagem desse tema nos manuais didáticos.

⁴ “Du fait que la langue est un fait social il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social” (tradução nossa).

Almeida Baronas (2014), como resultado do projeto de pesquisa “Variação linguística na escola: propostas didáticas”, analisou as coleções de manuais didáticos utilizadas no Ensino Fundamental, no Estado do Paraná, em 2012. Vale ressaltar que essas coleções são as aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, portanto, como pré-requisito para aprovação do comitê desse programa, essas coleções devem abordar a variação linguística. Segundo a pesquisadora, tiveram destaque nas coleções, a variação estilística (73,3%) e a variação regional (50%), no entanto a variação social e a variação histórica são pouco recorrentes, aparecendo em 45% e 31.6% das coleções, respectivamente. Analisando a disposição destes conteúdos ao longo das coleções, ela observou também que a variação linguística não é um conteúdo de destaque nos manuais didáticos para o último ano do Ensino Fundamental, resultado destacado pela autora:

Tais dados indicam que a maioria dos profissionais que produziram os manuais didáticos acredita ser desnecessário trabalhar a variação linguística no final do ensino fundamental, fato curioso e preocupante uma vez que tal atitude pode resultar da pouca importância destinada ao assunto, ou seja, é possível que se julgue o tema da variação linguística menos importante do que outros mais relacionados à noção de “pureza da Língua”. Além disso, a ausência do enfoque à variação linguística no final do ensino fundamental pode ainda resultar da crença de que esse tipo de conhecimento não será objeto de cobrança em vestibulares, Enem, etc. (ALMEIDA BARONAS, 2014, p. 56).

Observa-se, por meio dos dados apresentados pela pesquisadora, que a diversidade da língua tem sido pouco abordada no meio escolar, visto que os manuais didáticos não favorecem esse conteúdo linguístico. É preciso refletir a respeito da qualidade do tratamento linguístico que vem sendo realizado nas salas de aula, considerando o despreparo dos profissionais e a ausência de um tratamento da heterogeneidade linguística.

Os testes de crenças e atitudes linguísticas, por sua vez, são uma maneira de constatar como a abordagem dessa heterogeneidade vem sendo realizada na sala de aula e se ela está cumprindo a finalidade de minimizar o preconceito linguístico.

Esta pesquisa, portanto, tem por principal objetivo investigar as crenças de alunos do ensino fundamental - das séries finais - de uma escola do estado do Paraná com relação à variação linguística, dando ênfase ao preconceito linguístico.

Pretende, mais especificamente, analisar o julgamento dos alunos, verificando quais crenças externam sobre o uso da língua portuguesa .

Referencial Teórico

A respeito da Sociolinguística, Bright (1966), apesar de destacar a dificuldade em se definir essa área de pesquisa, aponta que ela compõe-se de estudos sobre a relação entre língua e sociedade. Dessa forma, a Sociolinguística, já em seu início, tinha por finalidade mostrar que a diversidade linguística está relacionada às diferenças sociais. Segundo o autor, a Sociolinguística pode ser compreendida a partir de sete dimensões: (i) a identidade social do falante; (ii) a identidade social do destinatário; (iii) o contexto; (iv) a oposição entre sincronia e diacronia; (v) os usos linguísticos e as crenças sobre eles; (vi) a diversidade linguística; (vii) e as aplicações da área. O presente trabalho pretende fixar-se na dimensão dos usos linguísticos e as crenças sobre eles.

O campo de pesquisa da Sociolinguística denominado de crença linguística observa a concepção construída em um meio social sobre a fala e, conseqüentemente, sobre o falante. As pesquisas de crenças, desde 1960, estão presentes na Sociolinguística e têm por principais pesquisadores Lambert (1967), Labov (2008), Gómez Molina (1998), Moreno Fernández (1998) e Cyranka (2014).

Lambert (1967), estudando o bilingüismo franco-inglês, utiliza-se de uma metodologia em que o locutor não é revelado ao “juiz” da fala, apenas sua voz. Dessa forma, ele pretendia verificar a possibilidade de julgar as pessoas a partir de seu uso linguístico, ou seja, do uso de uma variedade linguística que o sujeito falava.

Durante os últimos oito anos, nós desenvolvemos uma técnica de pesquisa que faz uso de variações linguísticas e dialetais para obter as impressões estereotipadas ou visões preconceituosas que membros de um grupo social possuem sobre membros representativos de um grupo contrastante. Brevemente, o procedimento envolve as reações dos ouvintes (chamados de juízes) às gravações de vários falantes perfeitamente bilingues lendo uma passagem de dois minutos de uma só vez em uma de suas línguas (por exemplo, francês) e depois uma tradução de nível equivalente da mesma passagem em sua segunda língua. (por exemplo, inglês).⁵

⁵ Over the past eighth years, we have developed a research technique that makes use of language and dialect variations to elicit the stereotyped impressions or biased views which members of one social group hold of representative members of a contrasting group. Briefly, the procedure involves the reactions of listeners (referred to as judges) to the taped recordings of a number of perfectly bilingual speakers reading a two minute passage at one time in one of their languages (e.g. French) and inter a translation equivalent of the same passage in their second language (e.g. English) (LAMBERT, 1972 [1967], p. 336) (tradução nossa).

Esta metodologia, do domínio da psicologia social, permitiu a realização de pesquisas linguísticas capazes de revelar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes. É possível observar que existe um conjunto de crenças sobre a língua, sobre as variedades linguísticas e os falantes. Para o autor, os estudos a respeito desses julgamentos linguísticos são relevantes, pois as atitudes linguísticas podem promover uma mudança na língua bem como na estigmatização ou não sobre ela. Portanto, as atitudes linguísticas podem modificar o comportamento linguístico:

Estas descobertas são consistentes e confiáveis o suficiente para serem de interesse geral. Por exemplo, os métodos de prática de idioma poderiam ser possivelmente modificados e fortalecidos através da consideração das implicações sócio-psicológicas da aprendizagem de línguas.⁶

O contato com um modo falar diferente pode despertar no indivíduo crenças e atitudes diversas. Essa crença pode ser mais ou menos enraizada no indivíduo, o que incitará um processo de mudança de crenças. A crença é um construto social e, portanto, a crença de um grupo social é um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo desse grupo. Labov (2008 [1972], p. 176) define crença como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”. As atitudes são, por consequência, um reflexo a partir das crenças, dos sentidos e das emoções, revelando o julgamento dos indivíduos sobre o objeto avaliado, neste caso, a língua.

Segundo Lambert e Lambert (1975), a atitude não é sempre fixa, pode ser modificada, mas, em seu estágio de desenvolvimento inicial, os componentes podem ser modificados mais facilmente por meio de novas experiências. É importante destacar que uma atitude fixa e estereotipada pode limitar as ações dos sujeitos, bem como restringir seus julgamentos ao preconceito linguístico, de forma que, quando o sujeito é exposto a determinada variedade linguística, ele apresente um julgamento negativo sobre ela.

O preconceito linguístico aparece quando o julgamento da língua tem como alvo o falante. Os falantes têm a tendência de acreditar que não falam corretamente a sua língua, mantendo a noção de bom uso da língua, ou seja, acreditam na existência de normas melhores que outras. A crença de que a variedade popular constitua um uso

⁶ These findings are consistent and reliable enough to be of general interest. For example methods of language traing could possibly be modified and strengthened by giving consideration to the social-psychological implications of language learning (LAMBERT, 1972 [1967], p. 347) (tradução nossa).

desprestigiado pode conduzir o falante a julgar que não fala bem a própria língua. No entanto, é preciso compreender que os usos variam e que eles devem ser respeitados. Calvet (1993) explica que os usos linguísticos variam e, conseqüentemente, as atitudes também não serão sempre as mesmas.

As atitudes a respeito das variedades podem resultar mudanças linguísticas, quando o falante apresenta um julgamento sobre sua fala ou sobre a fala do outro. Quando as atitudes são reveladas, é possível verificar que algumas formas linguísticas ainda sofrem estigma em detrimento de outras, por isso é necessário abordar esse caso que ocorre no ambiente escolar.

O preconceito linguístico, como toda forma de preconceito, é prejudicial, preocupante. De fato, ele está relacionado ao preconceito social, à identidade do indivíduo ou do grupo de falantes. Essa forma de preconceito revela um julgamento sobre a língua, sobre a norma, em específico sobre os julgamentos diferentes voltados ao falante que utiliza a norma culta ou àquele que usa a variedade linguística estigmatizada.

Boyer (1996) aponta alguns julgamentos veiculados a partir de preconceitos sobre a língua:

- bien parler est signe de bon goût, de bonne éducation, de politesse ;
- bien parler c'est préserver un patrimoine culturel, choisi dans l'ensemble du patrimoine, ou préserver la tradition ;
- ne pas parler « correctement » c'est contribuer à la dégradation de la langue ;
- la dégradation de la langue est assimilée à la dégradation de la société. (BOYER, 1996, p. 31).⁷

Há dois pontos importantes nessa citação que merecem ser destacados: primeiro, a ligação do *falar bem* apenas em relação a indivíduos de boa educação, de escolaridade, julgamento que conduz à ideia de que somente as pessoas escolarizadas falam bem, desconsiderando qualquer variedade mesmo que adequada à situação de comunicação. Segundo a crença de que falar de forma inadequada contribuirá para a degradação da língua e, conseqüentemente, da sociedade, julgamento purista que vai de encontro à compreensão da heterogeneidade intrínseca da língua.

⁷ “-falar bem é sinal de bom gosto, de boa educação, de polidez; - falar bem é preservar um patrimônio cultural, escolhido no conjunto do patrimônio, ou preservar a tradição; - não falar “corretamente” é contribuir com a degradação da língua; - a degradação da língua está assimilada à degradação da sociedade” (tradução nossa).

Diante da ação preconceituosa com a língua, com o uso linguístico de outros falantes e do falante com ele próprio, a Sociolinguística Educacional tem por objetivo demonstrar a necessidade de valorizar a variedade linguística do aluno enquanto ele adquire a norma culta da língua.

Faraco (2008), ao propor a Pedagogia da Variação Linguística, indica que o professor deve repensar o trabalho com a linguagem nas escolas, considerando a realidade sociolinguística dos alunos. O autor propõe também mudanças nos manuais didáticos com relação à abordagem da variação linguística em sala de aula, apontando algumas ações necessárias: (i) refletir a norma efetivamente praticada; (ii) reconhecer que há mais de uma norma culta, que são as variedades cultas, diversificadas e heterogêneas; (iii) reconhecer a variação linguística por meio das divergências e contradições apresentadas pelos gramáticos em suas gramáticas normativas.

Bortoni-Ricardo (2005), ao tratar da Sociolinguística Educacional, destaca a Pedagogia Culturalmente Sensível, método em que o professor deve proporcionar ambientes de aprendizagem nos quais se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos, partindo sempre daquilo que lhes é familiar, o que seria a variedade utilizada por eles antes de adentrarem o espaço escolar.

Ainda no campo da Sociolinguística Educacional, Cyranka (2014) desenvolveu uma pesquisa a respeito das atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora. A autora observou que a escola ainda falha em reconhecer a realidade do aluno, a sua cultura, sua linguagem. Sobretudo, a escola precisa reconhecer a legitimidade das variantes utilizadas pelos alunos. A abordagem de uma pedagogia diferenciada na escola – capaz de reconhecer que as variedades populares são detentoras de seus fins, tanto quanto as variedades prestigiadas – contribuirá para construir novas atitudes a respeito das variedades da língua em uso.

Coleta dos dados

O presente trabalho, como foi informado, tem por objetivo investigar as crenças de alunos com relação à variação linguística, dando ênfase ao preconceito linguístico. Para a realização deste objetivo, foram aplicados dois instrumentos de coleta de dados: (i) teste de crenças linguísticas; e (ii) pós-teste. Esses instrumentos foram aplicados, no decorrer de um curso de Língua Portuguesa, aos informantes desta pesquisa. Considerando os aspectos abordados pela Sociolinguística Educacional, o curso,

intitulado de “Língua, Linguagem e Variedades”, tinha por intuito trabalhar com questões que envolviam os conceitos de língua, linguagem e variedade linguística de uma maneira diferente dos preceitos normativos. Para uma melhor organização, o curso foi dividido em sete encontros, ou seja, sete aulas de 50 minutos.

O projeto, desenvolvido e ministrado pelas pesquisadoras, foi aplicado em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental - anos finais - de uma escola pública da cidade de Cambé, estado do Paraná. Devido ao fato do projeto ter sido realizado ao longo de 7 aulas, o número de alunos informantes presentes nas aplicações dos testes são diferentes, visto que ocorreram em aulas diferentes. Na primeira aula, foi aplicado o teste de crenças, antes de iniciar as discussões sobre os conceitos propostos no curso, do qual 21 alunos participaram. No último dia, ou sétima aula, foi realizada uma análise de um pós-teste, após os conceitos terem sido explorados, em que 23 alunos responderam. O Quadro 1 evidencia a organização do curso, bem como a quantidade de aulas e os temas discutidos.

Aula	Atividade
Aula 1	Início do curso com apresentação e aplicação do teste de crenças linguísticas, com o tema preconceito linguístico em destaque. Em seguida, abordou-se o conceito de linguagem.
Aula 2	Retomou-se a ideia de que a linguagem é vista como interação e foi estudado o Contínuo de urbanização (Bortoni-Ricardo, 2005)
Aula 3	Nesta aula, foi explorado o Contínuo de monitoração estilística (Bortoni-Ricardo, 2005) e Adequação linguística.
Aula 4	O conteúdo explicado foi o Contínuo de oralidade e escrita (Bortoni-Ricardo, 2005) e novamente a ideia de Adequação linguística.
Aula 5	Nesta aula, foram discutidas tanto a temática do preconceito social e linguístico, quanto casos de práticas de <i>bullying</i> na escola.
Aula 6 e 7	Foi apresentada uma atividade em formato de estudo de caso em que havia um exemplo de preconceito linguístico e social, que os alunos precisavam analisar e responder algumas questões. Após, foi encerrado o curso com um momento para sanar as possíveis dúvidas dos alunos.

Quadro 1: Divisão do curso

3.1 O teste de crenças

O teste de crenças foi aplicado no primeiro encontro, antes da apresentação dos conteúdos pretendidos, pois o objetivo era identificar as crenças dos alunos com relação à concepção de língua, ou ainda de que maneira avaliavam a fala de pessoas com pouca escolaridade e se acreditavam que falavam “errado” o português.

Os informantes foram submetidos ao teste de crença linguística, o qual era composto de assertivas associadas à Língua Portuguesa. A composição desse instrumento de análise teve por base alguns dos mitos sobre a língua portuguesa propostos por Bagno (2015).

O questionário apresenta quatro assertivas que expressam preconceito com relação ao uso da língua: (i) a Língua Portuguesa não apresenta heterogeneidade; (ii) o brasileiro não sabe falar Português; (iii) as pessoas sem instrução falam errado; (iv) é preciso falar como se escreve. Acrescentou-se ainda a assertiva “O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem convivo no lugar onde moro, por isso eu tenho orgulho do meu jeito de falar”, para averiguar o tipo de sentimento que esses informantes possuem com relação à língua que usam juntamente com seus parentes e amigos, pessoas próximas.

Os alunos precisavam avaliar as cinco assertivas e assinalar se eram verdadeiras ou falsas, conforme Quadro 2:

ASSERTIVAS	Quant. Verdadeiro	Quant. Falso	Sem resposta
1. O Português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente, todos falam da mesma forma.	0	20	1
2. O brasileiro não sabe português. Só em Portugal se fala bem português.	5	16	
3. As pessoas sem instrução falam tudo errado.	14	7	
4. O certo é falar igual se escreve.	13	8	
5. O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem convivo no lugar onde moro, por isso eu tenho orgulho do meu jeito de falar.	17	4	

Quadro 2: Teste de Crenças linguísticas: preconceito linguístico

Responderam ao teste de crenças linguísticas 21 alunos, que estavam presentes na primeira aula do curso.

Ao analisar a primeira assertiva é possível verificar que os alunos sabem que a Língua Portuguesa brasileira apresenta uma diversidade inerente, pois a maioria dos alunos (95%) pontuou enquanto falsa a afirmativa que traz a ideia de que “todos falam da mesma forma”. Quando questionados, na segunda frase, se somente em Portugal se falava bem o português e que os brasileiros não sabem português, cinco alunos consideraram essa afirmação como verdadeira, dado que preocupa, pois possuem a ideia de que há pessoas que falam “errado”, trazendo a visão, passada por muitos, de que há um jeito “certo” de falar e que os brasileiros o desconhecem, enquanto os portugueses sabem utilizá-lo.

Na afirmativa 3, a maioria dos alunos demonstrou a crença de que somente quem tem estudo sabe falar “corretamente”. Essa atitude ficou clara pela quantidade de respostas como verdadeiras nessa afirmativa: 14 alunos (67%). A afirmativa 4 diz que o certo é falar como se escreve, assim, traz a ideia de que a língua escrita sempre é “correta”, enquanto a língua falada poderá apresentar erros; essa ideia é propagada, já que a cultura escrita sempre teve maior prestígio social. Porém, é errôneo pensar desta maneira, já que tanto a modalidade oral quanto a escrita podem ter estilos formais e informais.

A última assertiva tentava explicar que há diversos jeitos de falar e pretendia, assim, trazer reflexões: “o meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem convivo no lugar onde moro, por isso eu tenho orgulho do meu jeito de falar”. As respostas dos alunos evidenciaram o orgulho que sentem pela maneira que falam, pois 17 alunos, ou seja, a maioria julgou como verdadeira essa afirmativa. É possível verificar o pertencimento a determinado grupo; o mais interessante é que, apesar de demonstrarem, anteriormente, preconceito linguístico ou mesmo julgarem que os brasileiros não falam tão bem o português, mesmo assim sentem orgulho do seu modo de falar.

Ao examinar o teste de crenças como um todo, verifica-se que ainda é divulgada, ou pela sociedade ou pela escola, a ideia de que há uma língua falada “certa” e outra “errada”; de que o texto escrito é sempre “correto” e formal, seguindo a norma-padrão; e que muitos brasileiros não sabem falar bem o português, principalmente, as pessoas com pouca escolaridade.

Contudo, é preciso modificar essa crença, compreendendo que não há apenas uma variedade “certa” e outra “errada”, mas sim que é preciso ter conhecimento das

diversas normas linguísticas para saber utilizar a língua de acordo com a situação comunicativa, ora utilizando uma linguagem mais monitorada, ora menos monitorada, a depender sempre do momento de interação, dos interlocutores e do assunto.

Outro dado importante e que é preciso frisar, novamente, são as diferenças entre as modalidades oral e escrita, visto que há a ideia errônea de que somente a modalidade oral estaria sujeita à variação, enquanto a modalidade escrita se resumiria à norma-padrão. Tal ideia não pode ser aceita, visto que há gêneros orais e escritos que apresentam diferentes níveis de formalidade.

3.2 Pós-teste

Após a abordagem da heterogeneidade da Língua Portuguesa e da reflexão sobre algumas situações que disseminam o preconceito linguístico, foi realizada uma análise de um estudo de caso. A aplicação do pós-teste buscou verificar se o tratamento diferenciado dado à Língua Portuguesa, durante o curso, modificaria as crenças dos alunos.

Na proposta, constavam a orientação de que os alunos deveriam ler a descrição do caso, em que o médico debocha de um paciente na internet ao publicar que “não existe pelemunia e nem raôxis!”, divertindo-se por meio da experiência do paciente que proferiu essas palavras.

O senhor ridicularizado tinha 42 anos de idade e só havia estudado até o segundo ano do ensino fundamental. Essa atitude demonstrou, claramente, a existência do preconceito linguístico e social em meio à sociedade, em que pessoas com pouca escolaridade sofrem esse tipo de discriminação.

Após a notícia, publicada no G1⁸, sobre o fato de o médico expor em uma página da rede social *facebook* a fala do paciente, foi disponibilizado um texto de Ana Elisa Ribeiro, publicado no Blog da Parábola Editorial, discorrendo a respeito da intolerância linguística e do monstro da *web*. Assim, depois de ler esses dois textos, os alunos precisavam responder a seis perguntas sobre o tema. Vale lembrar que, no teste de crenças realizado com os alunos, a maioria também afirmou que pessoas com pouca instrução falam errado.

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-pelemunia.html> Acesso em: 24 jul. 2018.

Este pós-teste foi aplicado no último dia do curso, após os conceitos terem sido explorados. Assim, estavam presentes em sala de aula 23 alunos, os quais o responderam.

A primeira pergunta questionava se os alunos sabiam o que era preconceito linguístico e, em caso afirmativo, eles deveriam tentar explicar. Todos responderam de maneira afirmativa e o Quadro 3 traz algumas destas explicações.

Aluno 1	É o desprestígio com maneiras diferentes de falar.
Aluno 2	É quando uma pessoa fala errado e ela é debochada.
Aluno 4	É uma coisa que as pessoas falam sem saber o que é.
Aluno 5	O preconceito linguístico é o desprestígio com a maneira de falar, sociais ou regionais consideradas inferiores.
Aluno 6	É não aceitar outros tipos de falas sociais ou regionais considerados inferiores.
Aluno 8	É quando as pessoas acham que o modo dela falar é o único existente, por isso gera a ideia de que os outros estão errados.
Aluno 12	Achar que só a sua fala está certa e de todas as outras pessoas está errada.
Aluno 17	Quando alguém fala mal do jeito diferente de outra pessoa falar.
Aluno 20	Preconceito linguístico é um preconceito do modo de uma pessoa falar, porque muita gente não sabe que existem vários tipos de fala.
Aluno 21	Preconceito linguístico é quando uma pessoa não aceita o jeito que você fala. Muitas delas corrigem você na sua frente.
Aluno 23	Quando uma pessoa fala errado tipo quando uma pessoa que por motivos pessoais não completou o ensino fundamental e fala um pouco diferente das outras como no caso que vemos no exemplo na outra folha.

Quadro 3: Você sabe o que é preconceito linguístico?

As respostas evidenciam que os alunos sabem o conceito de preconceito linguístico, afinal pontuaram que é quando alguém é julgado pelo seu modo de falar, considerado como “errado”. A concepção de que há uma variedade “correta” também pode ser observada, pois o aluno 23 ao tentar explicar o significado de preconceito

linguístico faz uma relação desse preconceito com o uso inadequado de uma variedade linguística, marcando que o preconceito se dá quando uma pessoa fala errado e enfatiza que isso ocorre pela falta de estudos, provavelmente porque essa é uma crença quase fixa para esse aluno, portanto, a transformação desse julgamento dependerá um tempo maior de trabalho sobre esse tema. Na segunda pergunta, o questionamento era sobre a relação entre preconceito linguístico e *bullying*. A maioria respondeu que reconhecia o preconceito linguístico como uma forma de *bullying*, como demonstra o Gráfico 1.

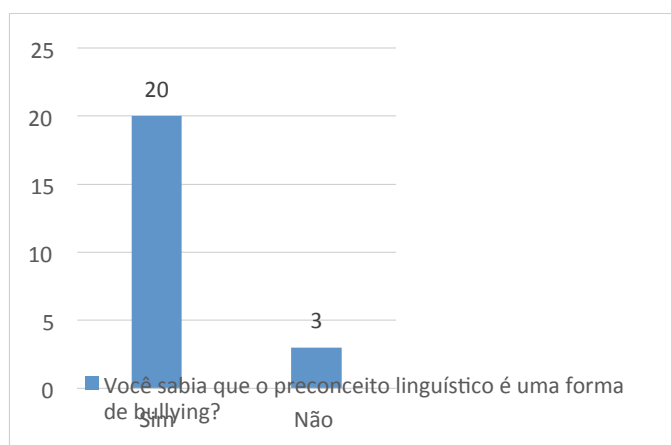


Gráfico 1: Você sabia que o preconceito linguístico é uma forma de *bullying*?

No terceiro questionamento, após a maioria ter dito que reconhece o preconceito linguístico enquanto *bullying*, os alunos precisavam refletir se esse tipo de abordagem é considerado brincadeira. A maioria afirmou que não é brincadeira ou que depende da pessoa. O próximo quadro, dividido em Sim e Não, apresenta algumas dessas respostas.

Sim		Não	
Aluno 6	Sim, entre colegas eu acho.	Aluno 1	Não. Porque mesmo assim magoa a pessoa que está sofrendo <i>bullying</i> .
Aluno 8	Sim, porque se a pessoa faz ela deve receber do mesmo jeito.	Aluno 7	Não, porque a pessoa pode se ofender.
Aluno 10	Sim, apenas para os autores porque não atinge a eles.	Aluno 13	Não, porque muitas vezes a pessoa que está sendo humilhada não acha graça em nada.
Aluno 21	Dependendo da pessoa se me ofender eu xingo ela, mas se for	Aluno 16	Não, porque algumas pessoas param de estudar para trabalhar.

	conhecido aí brincamos zoando um ao outro.		
Aluno 22	Depende da forma como a pessoa vai falar e a outra reagir.	Aluno 18	Não, porque a pessoa que fala de uma maneira diferente se sente ofendida.

Quadro 4: Preconceito linguístico é uma forma de brincadeira?

Foram questionados, em seguida, se já sofreram preconceito linguístico ou se conhecem alguém que já sofreu. Quase a metade dos alunos, 11, disseram já ter sofrido e um deles disse que foi no primeiro ano escolar: “eu já sofri o preconceito linguístico, no primeiro ano, quando minha professora me humilhava porque eu não sabia falar direito”. Ao analisar essa resposta verificou-se que o preconceito linguístico está presente na escola, que muitos professores ainda não possuem o conhecimento de que há diversas normas linguísticas e continuam propagando a ideia de que há uma única norma “correta”. Outro aluno comentou a respeito da variação geográfica, dizendo que sofreu preconceito linguístico quando mudou de estado por utilizar a forma pronominal “você” ao invés de “tu”.

Na penúltima pergunta, retomando o teste de crenças aplicado no primeiro encontro, o questionamento era se eles acreditam que há pessoas que falam errado e outras que falam certo. As respostas evidenciaram, novamente, que acreditam que há pessoas que falam errado e que são, principalmente, pessoas que deixaram de estudar. Alguns alunos afirmaram não haver formas erradas, mas que existe a necessidade da adequação da linguagem à situação comunicativa. Na última questão, foram indagados se sabiam falar bem o português e quase a metade dos alunos afirmaram que não, conforme já constatado até mesmo no teste de crenças.

Considerações finais

Observou-se, por meio dos dados, que a diversidade da língua ainda é pouco abordada no meio escolar, principalmente, porque ainda está presente a concepção de que a língua é homogênea e, portanto, é preciso fazer o uso da norma-padrão da língua, tanto na modalidade oral quanto escrita.

O teste de crenças evidenciou que existe preconceito linguístico e que os alunos avaliam de maneira negativa o uso da língua pelas pessoas que possuem pouca escolaridade, além de acreditarem que somente em Portugal fala-se corretamente o português. O estudo de caso constatou muitas crenças apresentadas no teste e

demonstrou que, mesmo o aluno sabendo que a língua portuguesa brasileira apresenta uma diversidade inerente, ainda assim, avalia de maneira negativa a diversidade da língua.

Diante desta situação, é indispensável uma mudança didática no tratamento dado à Língua Portuguesa nas instituições escolares no Brasil, a partir da implantação da pedagogia da variação ou da pedagogia culturalmente sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA BARONAS, J. E. De. **Variação linguística na escola: resultados de um projeto.** Revista da ABRALIN., v.13, p.39 - 61, 2014.

BAGNO, M. A mitologia do preconceito linguístico. In: **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola e agora?: Sociolinguística e educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

BOYER, H. **Éléments de Sociolinguistique.** Paris: Dunod, 1996.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVE, M. F. (orgs.) **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1966.

CALVET, L.-J. **La Sociolinguistique.** Paris: Presses Universitaires France, 1993.

CYRANKA, L. F. M. Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas. In: **Dos dialetos populares às variedades cultas: a Sociolinguística na escola.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. Desde quando somos normativos? In: VALENTE, A. C. (org.) **Unidade e Variação na língua portuguesa: suas representações.** São Paulo: Parábola, 2015.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes linguísticas en una comunidade bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. Anejo n. XXVIII dela **Revista Cuadernos de Filología.** Valencia:Universitat de Valencia, 1998.

GONÇALVES, A. V.; NASCIMENTO, E. L. Avaliação formativa: autorregulação e controle da textualização. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, 49(1), 241–257, 2010.

HADJI, C. **A avaliação, regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. E. (J). A Social Psychology of Bilingualism. In PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (eds.) **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books Ltda, 1972-1967.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

Como referenciar este artigo

BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; MARQUES, Taciane Marcelle; SEMCZUK, Wéllem Aparecida de Freitas. Preconceito Linguístico: crenças e abordagens. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 153-168, jan./jun. 2019. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 14/12/2018.

Aprovado em: 04/04/2019.